

A Evolução do Emprego Formal no Nordeste no Período de 2002 a 2017

Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão. Economista

Mestre em Economia Rural.

Gerente de Produtos e Serviços Bancários do BNB/ETENE.

E-mail: hellencris@bnb.gov.br

Resumo

O presente artigo tem como objetivo é explanar as recentes mudanças no mercado de trabalho no Nordeste, nas últimas duas décadas. Dado o contexto econômico internacional e fatores políticos e econômicos nacionais, que produziram diferentes configurações para o crescimento econômico bem como para a geração de emprego e sua realocação nos segmentos produtivos na Região Nordeste.

Portanto, para analisar as principais modificações observadas nos períodos de 2002 a 2017, o presente artigo apresenta um balanço das mudanças recentes no mercado de trabalho, com ênfase na Região Nordeste. Quanto aos procedimentos metodológicos, os dados que serão apresentados foram extraídos da Relação Anual de Informação Social (RAIS).

Verificou-se que a Região Nordeste experimentou avanços no mercado de trabalho, em que o crescimento de seu estoque de emprego foi maior que a média do País, no período em análise, e, conseqüentemente, ganhou participação frente às demais regiões.

Em relação ao desempenho estadual, embora com crescimento do estoque de todas as Unidades Federativas, constatou tendência de desconcentração espacial do emprego formal na Região.

Na análise dos últimos 15 anos, verificaram-se mudanças na estrutura produtiva. Entre as mudanças, destacam-se o avanço de postos de trabalho no setor de serviços considerados “modernos”; concentração do emprego formal em alguns setores da atividade econômica, considerados urbanos; e, expansão do emprego industrial em setores de alta e média alta intensidades tecnológicas.

Palavras-chave

Mercado de trabalho. Emprego. Estabelecimento. Nordeste.

1 Introdução

Tomando como ponto de partida as mudanças recentes no sistema produtivo, dada a dinâmica da economia, o mercado de trabalho no Nordeste apresentou mudanças nas últimas duas décadas.

No período de 2002 a 2017, o contexto econômico internacional e fatores políticos e econômicos nacionais, produziram diferentes configurações para o crescimento econômico bem como para a geração de emprego e sua realocação nos segmentos produtivos no País e na Região Nordeste.

Entre os anos de 2002 e 2014, o estoque de emprego no País e na Região cresceu. E, mesmo diante da crise financeira internacional deflagrada em 2008, que impactou negativamente a economia nacional e no âmbito regional, o nível de emprego continuou a crescer, com índices ainda mais exitosos a partir de 2010, com seu auge em 2014.

No entanto, houve uma descontinuidade do crescimento do nível de emprego. Nos anos de 2015 a 2017, impactado pela crise política e econômica no plano nacional, o nível de emprego reduziu no País e na Região Nordeste, atingindo taxas negativas nos anos de 2015 e 2016.

Consequentemente, a presente análise foi influenciada por dois momentos que marcaram a evolução do crescimento do emprego formal no País e na Região.

Portanto, para analisar as principais modificações observadas nos períodos de 2002 a 2017, o presente artigo apresenta um balanço das mudanças recentes no mercado de trabalho, com ênfase na Região Nordeste. Quanto aos procedimentos metodológicos, os dados que serão apresentados foram extraídos da Relação Anual de Informação Social (RAIS). A RAIS é uma importante fonte de dados (registros administrativos) sobre o mercado de trabalho formal no Brasil.

O documento está organizado em cinco capítulos. A introdução apresenta os aspectos gerais da abordagem do tema mercado de trabalho do Nordeste.

No segundo capítulo, o tema mercado de trabalho foca os aspectos regionais, com contraponto Nordeste-Brasil para o período de 2002 a 2017, detalhando ainda a análise da evolução da estrutura do mercado de trabalho nas regiões.

O terceiro capítulo analisa a evolução do estoque de emprego no contexto estadual. Resumidamente, verificou-se que há em percurso uma “desconcentração espacial” do estoque de emprego, no período de 2002 a 2017, com o crescimento expressivo da participação de alguns estados, a exemplo do Maranhão e Ceará.

O quarto capítulo aprofunda a discussão, conforme as características dos setores e subsetores das atividades econômicas no mercado de trabalho na Região Nordeste. E, por último, nas considerações finais, discute-se uma avaliação geral do mercado de trabalho delineando, especialmente a evolução dos acontecimentos citados ao longo do capítulo, onde se avançou e, o mais importante, o que se pode esperar e/ou quais são as novas questões sobre as diretrizes do mercado de trabalho, especificamente, no Nordeste.

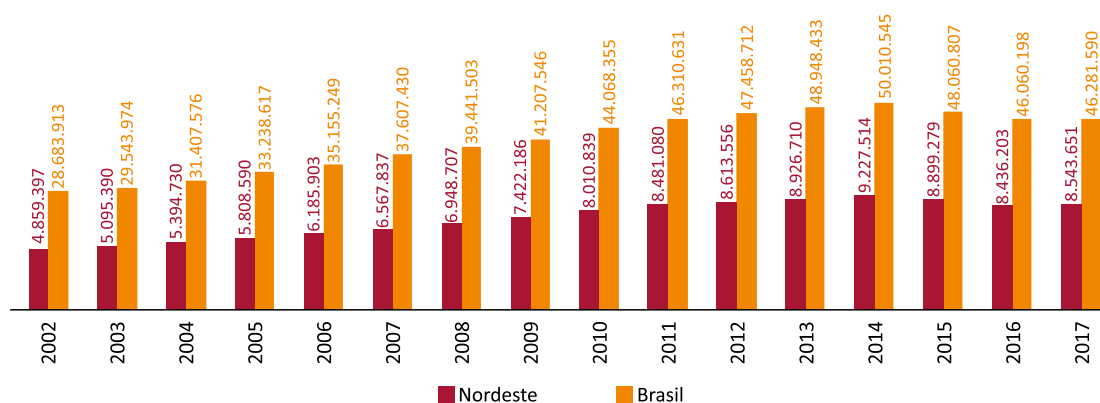
2 Análise Regionalizada do Mercado de Trabalho

Acompanhando o dinamismo da economia brasileira, a tendência geral do mercado de trabalho foi de crescimento de 2002 a 2017. Neste período, o estoque de emprego no Brasil cresceu 3,2% ao ano, apresentando taxa acumulada de 61,4%. Da mesma forma, o nível de emprego no Nordeste registrou crescimento (+3,8% a.a.), com taxa acumulada de 75,8%, níveis acima da média nacional.

No entanto, no decorrer da análise, o comportamento do estoque de emprego não foi linear. A partir do Gráfico 1, verifica-se que tanto Brasil quanto Nordeste aumentaram continuamente o estoque de emprego no período de 2002 a 2014, sendo este último ano o auge dos seus respectivos estoques de emprego. Cabe destacar que, apesar da crise financeira internacional, deflagrada em 2008, esta não repercutiu com maior severidade no mercado de trabalho nacional, inclusive o do Nordeste.

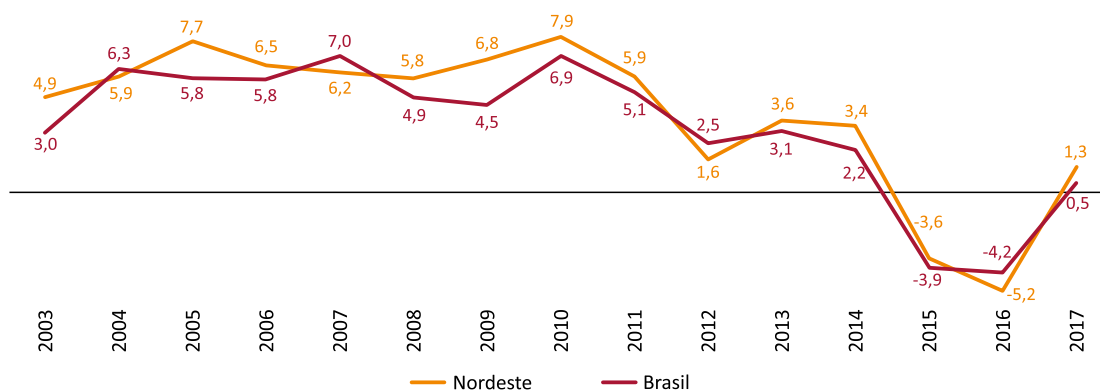
Posteriormente, de 2015 a 2017, verificou-se redução do estoque de emprego tanto para Brasil quanto no Nordeste. A partir de 2015, foram sentidos com maior intensidade os efeitos do desaquecimento do comércio internacional, com o início da queda dos preços das commodities em 2011, e, principalmente, do esgotamento da atividade econômica e da crise política no plano nacional, culminando numa recessão econômica que se prolongou até 2016, e com efeitos negativos em 2017.

Gráfico 1 – Brasil e Nordeste: Evolução do estoque de emprego – 2002 a 2017 (em mil pessoas)



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

Gráfico 2 – Brasil e Nordeste: Evolução do crescimento do estoque de emprego (%) – 2002 a 2017



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

2.1 Desempenho do estoque de emprego nas Regiões do País

Na série estudada, 2002-2017, o nível do estoque de emprego no Nordeste apresentou crescimento médio de 3,8% ao ano (a.a.). A exemplo do Nordeste, as regiões Norte (+4,9%) e Centro-Oeste (+4,0%) também tiveram variação na série superior à média Nacional (+3,2%), conforme dados da Tabela 1.

Diante desse crescimento, no período de 2002 a 2017, o Nordeste registrou incremento de 3,6 milhões de novos empregos. E, chegou em 2017 com nível do emprego de 8,5 milhões de trabalhadores formalizados, configurando o segundo maior do País, de acordo com informações da Tabela 1.

Tabela 1 – Brasil e Regiões – Estoque de emprego e taxa de crescimento (%) – Anos selecionados

País/Região	2002		2017		Taxa média de crescimento ao ano (% a.a.)			Variação 2002-2017	
	Vínculo	Par. (%)	Vínculo	Par. (%)	2002 - 2014	2015 - 2017	2002 - 2017	p. p.	Vínculo
Sudeste	15.128.474	52,7	22.758.090	49,2	5,3	-0,1	2,8	-3,6	7.629.616
Nordeste	4.859.397	16,9	8.543.651	18,5	5,5	-2,0	3,8	1,5	3.684.254
Sul	5.075.659	17,7	8.136.303	17,6	6,7	-1,5	3,2	-0,1	3.060.644
Centro-Oeste	2.323.786	8,1	4.201.923	9,1	4,3	-2,4	4	1,0	1.878.137
Norte	1.296.597	4,5	2.641.623	5,7	4,5	-1,2	4,9	1,2	1.345.026
Brasil	28.683.913	100,0	46.281.590	100,0	4,7	-1,9	3,2	0,0	17.597.677

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

Em 2017, com contingente populacional estimado em 57,2 milhões de pessoas e estoque de emprego com 8,5 milhões de empregados formais, a relação de empregos formais e população residente foi de 14,9% no Nordeste. No entanto, em 2002, essa participação do número de emprego formal em relação à população residente foi de apenas 9,9%. Ou seja, no período de 2002 a 2017, essa participação aumentou em 5,0 pontos percentuais, conforme Tabela 2.

Tabela 2 – Brasil e Regiões – População residente estimada (pessoas), estoque de emprego e taxa de formalização da população¹ – 2002 e 2017

País/Região	2002			2017			Variação da Taxa de Formalização (em p.p.)
	População	Empregos formais	Taxa de Formalização ¹	População	Empregos formais	Taxa de Formalização ¹	
Sudeste	74.447.456	15.128.474	20,3	86.949.714	22.758.090	26,2	5,9
Nordeste	48.845.112	4.859.397	9,9	57.254.159	8.543.651	14,9	5,0
Sul	25.734.253	5.075.659	19,7	29.644.948	8.136.303	27,4	7,7
Norte	13.504.599	1.296.597	9,6	17.936.201	2.641.623	14,7	5,1
Centro-Oeste	12.101.540	2.323.786	19,2	15.875.907	4.201.923	26,5	7,3
Brasil	174.632.960	28.683.913	16,4	207.660.929	46.281.590	22,3	5,9

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Sistemas de Contas Regionais (2018).

Nota: (1) Taxa de formalização da população compreende o percentual de empregos formais em relação à população residente.

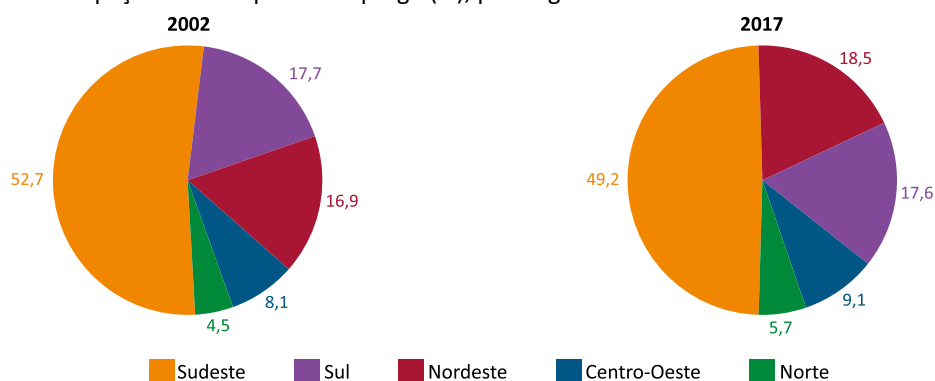
2.2. Evolução das participações do estoque de emprego entre as Regiões

Ao longo do período 2002 a 2017, com a evolução da estrutura do mercado de trabalho, conclui-se que as diferenças entre as Regiões se alteraram, como se observa no Gráfico 3 e Tabela 1. Mesmo que não substancialmente, essas mudanças apontam para um processo de desconcentração espacial do estoque de emprego formal no País, de forma que o eixo Sudeste-Sul perdeu participação no estoque total de empregos, enquanto, que o Nordeste avançou nesse mesmo período, assim como o Norte e o Centro-Oeste, como pode ser visto a seguir.

Entre as Regiões, três aumentaram sua participação relativa no total do estoque de emprego no País. Nordeste foi a Região com maior crescimento em participação, com seu estoque de empregos evoluindo de 16,9%, em 2002, para 17,6%, em 2017 (aumento de 1,5 p.p.); em seguida, Norte que passou de 4,5% para 5,7% (aumento de 1,2 p.p.) e o Centro-Oeste, que avançou de 8,1% para 9,1% (variação de +1,0 p.p.), no período de 2002 a 2017. Ou seja, a participação conjunta das Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste passou para 33,2% em 2017, ante 29,6% em 2002.

Por outro lado, Sudeste e Sul diminuíram suas respectivas participações no período analisado. O conjunto de suas participações no emprego formal decaiu para 66,8% em 2017, em contraste com 70,4% em 2002. O Sudeste (-3,6p.p.) computou a maior perda, para 49,2% em 2017, ante 52,7% em 2002; enquanto o Sul (-0,1 p.p.), reduziu para 17,6% em 2017, em contraste com 17,7% em 2002.

Gráfico 3 – Participação do estoque de emprego (%), por Região – 2002 e 2017



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

3 Desempenho Estadual do Mercado de Trabalho

As políticas econômicas adotadas no Brasil, no início desse século, ocasionaram impactos na estrutura produtiva do Nordeste, modificando as configurações do mercado de trabalho na Região, tanto em relação ao quantitativo de emprego quanto em termos das participações dos setores da atividade econômica na Região e nos Estados, entre os anos de 2002 a 2017.

De acordo com a Tabela 3, no período 2002 a 2017, o crescimento do nível do estoque de emprego ocorreu em todas as Unidades Federativas do Nordeste. Neste mesmo intervalo de tempo, cabe mencionar que o crescimento do estoque de emprego no Maranhão (+5,3%), Piauí (+4,4%), Ceará (+4,2%) e Rio Grande do Norte (+4,2%) superou a expansão da média do Nordeste (+3,8%).

Tabela 3 – Brasil, Nordeste e Estados – Estoque de emprego e taxa de crescimento (%) – Anos selecionados

País/Região/Estado	Estoque de empregos		Taxa Média de Crescimento ao ano (% a.a.)		
	2002	2017	2002 - 2014	2015 - 2017	2002-2017
Bahia	1.309.717	2.223.775	4,3	-2,2	3,6
Pernambuco	943.895	1.584.780	5,2	-1,9	3,5
Ceará	793.312	1.464.948	5,8	-2,6	4,2
Maranhão	329.935	713.051	7,1	-0,7	5,3
Paraíba	375.537	638.270	5,2	-2,2	3,6
Rio Grande do Norte	318.971	588.373	5,5	-2,6	4,2
Alagoas	311.780	486.763	5,7	-0,8	3,0
Piauí	236.945	453.229	6,0	-1,7	4,4
Sergipe	239.305	390.462	4,9	-1,8	3,3
Nordeste	4.859.397	8.543.651	5,5	-2,0	3,8
Brasil	28.683.913	46.281.590	4,7	-1,9	3,2

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

Em 2017, os três estados mais dinâmicos economicamente do Nordeste, ou seja, Bahia, Pernambuco e Ceará apresentaram o maior contingente de empregos formais na Região. Neste ano, Bahia computou 2,2 milhões de empregos com carteira assinada, representando cerca de 26,0% do total da Região. Seguiram Pernambuco, com 1,5 milhão de empregos (18,5%) e Ceará, com registro de 1,4 milhão de vagas (17,1%). Além da característica de terem as maiores economias na Região, os três Estados possuem as maiores densidades demográficas e níveis de urbanização da Região, fatores que contribuem diretamente para a concentração dos empregos formais.

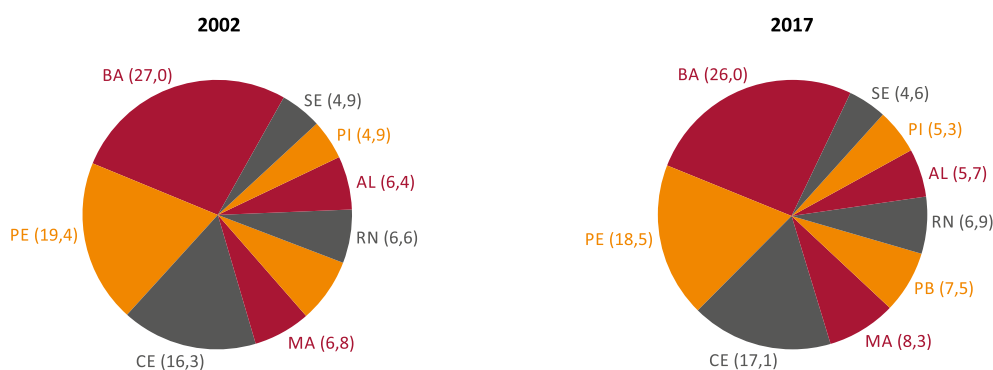
Entre 2002 e 2017, verificou-se que houve “desconcentração espacial” do estoque de empregos na Região, sendo que a participação de alguns Estados cresceu no período em análise. Como pode ser visto na Tabela 4 e no Gráfico 4, o conjunto de Unidades Federativas formado por Maranhão (+1,6 p.p.), Ceará (0,8 p.p.), Piauí (+0,4 p.p.) e Rio Grande do Norte (+0,3 p.p.) ganhou participação do estoque de empregos na Região. Estes Estados, como já mencionado, registraram crescimento do nível de emprego acima da média regional.

Tabela 4 – Nordeste: Participação do estoque de emprego por Unidade Federativa (%) – Períodos selecionados

Estado/Região	Participação (%)						Var. (%) 2002 a 2017	
	2002	2005	2008	2011	2014	2017	p. p. ⁽¹⁾	ao ano
Bahia	27,0	27,5	26,8	26,7	25,9	26,0	-1,0	3,6
Pernambuco	19,4	18,9	18,8	19,4	19,4	18,5	-0,9	3,5
Ceará	16,3	15,8	16,3	16,6	17,0	17,1	0,8	4,2
Maranhão	6,8	6,9	7,8	8,0	8,1	8,3	1,5	5,3
Paraíba	7,7	7,2	7,4	7,2	7,5	7,5	-0,2	3,6
Rio Grande do Norte	6,6	7,8	7,4	7,0	6,9	6,9	0,3	4,2
Alagoas	6,4	6,3	6,1	5,9	5,6	5,7	-0,7	3,0
Piauí	4,9	4,8	4,8	4,6	5,0	5,3	0,4	4,4
Sergipe	4,9	4,8	4,6	4,5	4,6	4,6	-0,3	3,3
Nordeste	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	0,0	3,8

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018). Nota: (1) Variação em ponto percentual no período de 2002 a 2017.

Gráfico 4 – Nordeste: Participação do estoque de emprego por Unidade Federativa (%) – 2002 e 2017



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

4 Mudança na Estrutura Produtiva

Uma das formas pela qual a mudança da estrutura produtiva se configura é através das transformações da composição do estoque de emprego entre setores da economia. Para verificar tal processo na Região Nordeste, através das Tabelas 4 e 5, detalham-se o nível de estoque e seu crescimento, assim como, as participações para cada setor da atividade econômica.

Na Região, todos os setores econômicos apresentaram crescimento no estoque de emprego no período de 2002 a 2017. De acordo com a Tabela 5, setores como Comércio (+5,5% a.a.), Serviços (4,9% a.a.) e Construção Civil (+3,7% a.a.) lideraram referida expansão.

Tabela 5 – Nordeste: Estoque de emprego e taxa de crescimento (%), por setor da atividade econômica – Períodos selecionados

Setor	Estoque de empregos		Taxa Média de Crescimento ao ano (% a.a.)			Taxa Acumulada
	2002	2017	2002 - 2014	2015 - 2017	2002-2017	2002-2017
Serviços	1.331.839	2.748.627	6,5	-1,2	4,9	106,4
Administração Pública	1.677.588	2.516.970	3,5	0,1	2,7	50,0
Comércio	712.138	1.597.726	7,5	-2,3	5,5	124,4
Indústria de Transformação	646.507	953.133	5,2	-3,7	2,6	47,4
Construção Civil	208.486	361.744	9,4	-15,0	3,7	73,5
Agropecuária	195.554	246.024	1,8	0,8	1,5	25,8
S.I.U.P.	63.366	85.036	2,7	-2,2	2,0	34,2
Extrativa Mineral	23.919	34.391	5,0	-8,4	2,5	43,8
Nordeste	4.859.397	8.543.651	5,5	-2,0	3,8	75,8

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

A redefinição de alguns setores na Região, mesmo diante da crise que se instaurou a partir de 2015, seguiu os rumos demarcados, principalmente, pela demanda local. Essa mudança é perceptível na visualização das Tabelas 5 e 6.

No período de 2002 a 2017, o crescimento da economia regional teve rebatimentos sobre a estrutura produtiva, ao passo que foram redirecionados à geração de empregos para setores considerados urbanos. O estoque de emprego do setor de Serviços e de Comércio praticamente duplicou, tendo em vista as taxas acumuladas de crescimento de 106,4% e 124,4%, respectivamente. Desta forma, Serviços, com participação de 32,2%, passou para a primeira colocação no quantitativo de empregos em 2017, com 2,7 milhões de empregados registrados em carteira. E, Comércio (18,7%) permanece em terceiro lugar com 1,5 milhão de empregos formais em 2017.

Administração Pública (29,5%), com 2,5 milhões de empregados, possui o segundo maior estoque na Região em 2017. Indústria da Transformação (11,2%) possui 953 mil empregos em seu quadro de trabalhadores formais. Construção Civil (4,2%) registrou 361 mil empregados, seguida pela Agropecuária (246 mil empregos, 2,9%), Serviços Industriais de Utilidade Pública - S.I.U.P. (85 mil empregos, 1,0%) e Extrativa Mineral (34 mil empregos, 0,4%), conforme dados das Tabelas 4 e 5. Nas seções subsequentes, as atividades econômicas serão analisadas com maior detalhamento.

Tabela 6 – Nordeste: Participação do estoque de emprego (%), segundo o setor – Anos selecionados

Setor	2002	2005	2008	2011	2014	2017	Var. p. p.
Serviços	27,4	26,6	26,7	28,1	30,8	32,2	4,8
Administração Pública	34,5	34,9	33,2	30,0	27,4	29,5	-5,1
Comércio	14,7	15,5	16,4	17,5	18,3	18,7	4,0
Ind. de Transformação	13,3	13,4	13,5	12,7	12,8	11,2	-2,1
Construção Civil	4,3	4,0	5,2	7,4	6,7	4,2	-0,1
Agropecuária	4,0	4,0	3,3	2,9	2,6	2,9	-1,1
S.I.U.P.	1,3	1,1	1,0	0,9	0,9	1,0	-0,3
Extrativa Mineral	0,5	0,4	0,5	0,5	0,5	0,4	-0,1
Nordeste	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

Outro reflexo da dinamização do mercado de trabalho no período analisado é o crescimento do número de estabelecimentos na Região que ocorreu no período de 2002 a 2017. Conforme dados da Tabela 7, verificou-se que além da ampliação das unidades produtivas em todos os setores da atividade econômica para este período, paralelamente, houve um processo de centralização dessas unidades nos setores do Comércio, Serviços e da Indústria de Transformação, quando, em 2017, estas representavam 44,8%, 35,9% e 8,0%, respectivamente.

Tabela 7 – Nordeste – Número de estabelecimento, participação (%) e taxa de crescimento (%), segundo o setor da atividade econômica – 2002 e 2017

Setor	2002		2017		Taxa de cresc. 2002-2017	
	Estabelecimento	Part. (%)	Estabelecimento	Part. (%)	Ao ano (%)	Acumulada (%)
Comércio	142.147	43,6	281.878	44,8	4,7	98,3
Serviços	110.719	34,0	225.557	35,9	4,9	103,7
Indústria de Transformação	28.645	8,8	50.322	8,0	3,8	75,7
Agropecuária	22.097	6,8	31.782	5,1	2,5	43,8
Construção Civil	16.557	5,1	30.571	4,9	4,2	84,6
Administração Pública	3.690	1,1	5.300	0,8	2,4	43,6
S.I.U.P.	1.245	0,4	1.862	0,3	2,7	49,6
Extrativa Mineral	849	0,3	1.466	0,2	3,7	72,7
Nordeste	325.949	100,0	628.738	100,0	4,5	92,9

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

4.1 Comércio e Serviços

De 2002 a 2017, Comércio (+5,5%) e Serviços (+4,9%) apresentaram os maiores crescimentos do estoque de emprego entre as atividades econômicas do Nordeste, conforme os dados das Tabelas 5 e 6.

Esse contexto foi proporcionado pelo dinamismo econômico regional, impactado principalmente pela maior demanda de bens de consumo não duráveis, reflexo da valorização do salário mínimo, aumento da oferta de crédito, além das políticas de transferências de renda que beneficiaram a Região; além do incremento no consumo de insumos industriais, com a retomada de investimentos públicos e privados.

Desta forma, com a crescente presença de setores estratégicos para a Região, através da indústria de transformação, da construção civil e dos complexos agroindustriais, houve maior disseminação nos serviços considerados modernos e no comércio, inclusive no interior da Região, desde a ampliação da oferta de serviços especializados, a exemplo de educação e saúde, e expansão de grandes cadeias de supermercados, magazines e shopping centers¹.

O estoque de emprego em Comércio no Nordeste aumentou sua participação para 18,7% em 2017, em contraste com 14,7% em 2002. Por sua vez, a participação dos estabelecimentos comerciais cresceu para 44,8% em 2017, ante 43,6% em 2002, conforme dados da Tabela 7. Das 281.878 unidades produtivas do Comércio, em 2017, constata-se que 98,8% desses empreendimentos são de micro e pequeno portes, Tabela 8.

No mesmo sentido, o estoque de emprego em Serviços aumentou sua participação para 32,2% em 2017, ante 27,4% em 2002, configurando o setor com maior estoque de empregos celetistas na Região.

Diante desse crescimento, e na mesma direção, ocorreu ampliação do número de estabelecimentos empresariais do setor de Serviços. De 2002 a 2017, a participação das unidades produtivas desse setor passou de 34,0% para 35,9% dos estabelecimentos totais na Região, respectivamente (Tabela 7). No ano de 2017, estavam registradas 225.557 empresas prestadoras de Serviços, das quais 97,0% eram de micro e pequeno portes, Tabela 8.

1 BANCO DO NORDESTE DO BRASIL, 2014; BERNAL, 2005; BEZERRA, 2018; TOMÉ, 2019 e VIANA, 2018.

Tabela 8 – Nordeste: Número de estabelecimento, estoque de emprego e participação (%) para Comércio e Serviços, segundo o porte da empresa em 2017

	Estabelecimento ⁽¹⁾ / Estoque de emprego	Comércio	Serviços	Total	Participação (%)		
					Comércio	Serviços	Total
Nº de estabelecimentos	Até 9 empregados ⁽²⁾	247.542	184.629	432.171	87,8	81,9	85,2
	De 10 a 49 empregados ⁽³⁾	30.893	33.999	64.892	11,0	15,1	12,8
	De 50 a 99 empregados ⁽⁴⁾	2.162	3.807	5.969	0,8	1,7	1,2
	100 ou mais empregados ⁽⁵⁾	1.281	3.122	4.403	0,5	1,4	0,9
	Total	281.878	225.557	507.435	100,0	100,0	100,0
	Part. (%)	55,5	44,5	100,0			
Nº de vínculos	Até 9 empregados ⁽²⁾	637.500	504.663	1.142.163	39,9	18,4	29,0
	De 10 a 49 empregados ⁽³⁾	555.955	670.731	1.226.686	34,8	24,4	31,1
	De 50 a 99 empregados ⁽⁴⁾	147.917	260.821	408.738	9,3	9,5	0,2
	100 ou mais empregados ⁽⁵⁾	256.354	1.312.412	1.568.766	16,0	47,7	39,8
	Total	1.597.726	2.748.627	4.346.353	100,0	100,0	100,0
	Part. (%)	36,8	63,2	100,0			

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018). Nota: (1) Porte de estabelecimento segundo o número de empregados (SEBRAE, 2013); (2) Microempresa; (3) Empresa de pequeno porte; (4) Empresa de médio porte; (5) Grande empresa.

4.1.1 Serviços considerados modernos

Segundo Meirelles (2008), o setor de Serviços carrega importantes diferenças entre os países desenvolvidos e “subdesenvolvidos” (ou em desenvolvimento), que podem ser reproduzidas na composição dos serviços modernos e tradicionais:

“Os serviços tradicionais, que empregam mão de obra menos qualificada e mal remunerada, ainda são responsáveis por grande parte da evolução do setor nos países subdesenvolvidos. Em contrapartida, nos países desenvolvidos, os serviços modernos, com um maior conteúdo tecnológico e uma mão de obra mais qualificada, tendem a ser preponderantes na composição do setor”.

O setor de Serviços apresentou expressiva participação tanto no Produto Interno Bruto² quanto no estoque de emprego na Região e no País, conforme visto na seção anterior. Embora com representatividade, o setor de Serviços ainda absorve considerável parcela nos segmentos tradicionais, a exemplo da *administração técnica profissional* (Brasil, 30,8%; Nordeste, 32,7%) e *alojamento/comunicação* (Brasil, 24,7%; Nordeste, 23,7%), no ano de 2017, conforme dados da Tabela 9.

Inclusive o Sudeste, que centraliza grande parte do parque industrial brasileiro que demanda serviços intensivos em capital e conhecimento técnico, também concentra expressivo estoque de mão de obra do setor voltado ao serviço tradicional (administração técnica profissional, 32,0%; e alojamento/comunicação, 24,3%).

Tabela 9 – Brasil e Regiões: Estoque de emprego por sub-setor de Serviços e participação (%) em 2017

Sub-setor	Norte	Centro-Oeste	Sul	Nordeste	Sudeste	Brasil	Part. (%)		
							NE	SE	BR
Adm. Técnica Profissional	169.812	388.577	739.991	899.061	2.967.219	5.164.660	32,7	32,0	30,8
Alojamento/Comunicação	173.571	374.852	685.010	645.949	2.259.782	4.139.164	23,5	24,3	24,7
Transporte e Comunicações	113.894	191.786	475.202	345.648	1.436.469	2.562.999	12,6	15,5	15,3
Médico Odontológico Vet.	81.483	169.167	329.933	358.291	1.134.789	2.073.663	13,0	12,2	12,4
Ensino	105.851	162.674	329.782	404.344	985.750	1.988.401	14,7	10,6	11,9
Instituição Financeira	27.734	81.554	142.477	95.334	496.659	843.758	3,5	5,4	5,0
Total de Serviços	672.345	1.368.610	2.702.395	2.748.627	9.280.668	16.772.645	100,0	100,0	100,0
Part. (%)	4,0	8,2	16,1	16,4	55,3	100,0	-	-	-

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

2 O crescimento médio do Valor Adicionado Bruto de Serviços na Região foi de 3,4% a.a., entre 2002 a 2017. Sendo assim, no período, o setor de serviços ganhou participação relativamente aos demais setores da economia, saindo de 67,1% para 74,3%.

No entanto, na análise que compreende os anos de 2002 a 2017, verificou-se clara tendência de crescimento dos serviços denominados modernos, como serviços da área da saúde e da educação, na Região Nordeste, acompanhando o contexto nacional.

Em 2002, com 89.340 empregados, serviços de saúde (públicos e privados) participavam com 11,9% da força de trabalho do setor terciário, e, em 2017, essa participação foi de 13,0%, com estoque de 358.291 empregados, conforme a Tabela 10.

Tabela 10 – Nordeste – Estoque de emprego, participação e taxa de crescimento (%), segundo subsetores de Serviços – 2002 e 2017

Subsetor	2002		2017		Variação 2002 a 2017		
	Vínculo	Part. (%)	Vínculo	Part. (%)	Acumulada (%)	a. a. (%)	p. p.
Adm. Técnica Profissional	200.223	29,1	899.061	32,7	349,0	10,5	3,6
Aloj. Comunic.	192.455	28,6	645.949	23,5	235,6	8,4	-5,1
Ensino	193.628	11,1	404.344	14,7	108,8	5,0	3,6
Médicos Odontológicos Vet.	89.340	11,9	358.291	13,0	301,0	9,7	1,2
Transporte e Comunicações	72.621	14,6	345.648	12,6	376,0	11,0	-2,0
Instituição Financeira	72.059	4,7	95.334	3,5	32,3	1,9	-1,2
Total de Serviços no Nordeste	1.331.839	100,0	2.748.627	100,0	106,4	4,9	-

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

Quanto ao Ensino, um dos subsetores que também responde pela maior parte do impulso do crescimento do emprego de Serviços, variou positivamente em 5,0% a.a. entre 2002 a 2017.

O estoque de emprego da área da educação esteve melhor posicionado em relação ao restante das outras atividades de serviços, uma vez que passou de 11,1% (193.628 empregos) em 2002 para 14,7% (404.344 empregos) em 2010, representando ganho em 3,6 pontos percentuais no período (Tabela 9).

Esses avanços estão relacionados a importantes investimentos na área de educação do ensino superior (pública e privada) em todo o território nacional, nos últimos 15 anos; em especial, no Nordeste, em que a presença de universidades, centros universitários, faculdades e institutos federais registrou considerável crescimento, especialmente, com o aumento da oferta de estabelecimentos de ensino no interior da Região (BANCO DO NORDESTE DO BRASIL, 2014).

Em 2002, o número total de instituições de ensino superior no Nordeste era de apenas 256, sendo 117 instaladas no interior da Região. Em 2017, em resposta às políticas de fomento na expansão do ensino superior, que resultou na criação de novas unidades (públicas e privadas) e na interiorização das universidades federais, o Nordeste passou a contar com 517 instituições de ensino superior, sendo 275 instituições no interior da Região. Ou seja, crescimento de 135% em relação a 2002, configurando o maior aumento entre as regiões do País, conforme a Tabela 11.

Tabela 11– Brasil e Regiões – Quantitativo do total de instituições do ensino superior(1), participação e taxa de crescimento (%), distribuição pelo total nas capitais e interior – 2002 e 2017

Brasil e Regiões	Instituições em 2002			Instituições em 2017			Taxa Acumulada (%)			Part. (%) 2017		
	Total	Capital	Interior	Total	Capital	Interior	Total	Capital	Interior	Total	Capital	Interior
Sudeste	840	246	594	1.121	301	820	33,5	22,4	38,0	45,8	34,4	52,1
Nordeste	256	139	117	517	242	275	102,0	74,1	135,0	21,1	27,7	17,5
Sul	260	61	199	405	111	294	55,8	82,0	47,7	16,5	12,7	18,7
Centro-Oeste	198	94	104	240	122	118	21,2	29,8	13,5	9,8	14,0	7,5
Norte	83	52	31	165	98	67	98,8	88,5	116,1	6,7	11,2	4,3
Brasil	1.637	592	1.045	2.448	874	1.574	49,5	47,6	50,6	100,0	100,0	100,0

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2018). Nota: (1) Universidades; Centros Universitários; Faculdades e IF e CEFET.

4.1.2 Desconcentração espacial do estoque de emprego

A partir dos dados da Tabela 12, verificou-se que os estados do Piauí (+6,9%) e Maranhão (+6,3%) lideraram as taxas de crescimento no estoque de emprego formal nos setores de Comércio e Serviços, de 2002 a 2017. Conseqüentemente, houve um ganho de participação do estoque de emprego, em que Piauí e Maranhão avançaram, em média, 1,2 p. p. (cada) em 15 anos, conforme dados da Tabela 13.

Tabela 12 – Nordeste e Estados: Estoque de emprego no comércio e serviços – 2002 e 2017

Nordeste e Estados	2002			2017			Taxa de crescimento (% a.a.) 2002 a 2017		
	Comércio	Serviços	Total	Comércio	Serviços	Total	Comércio	Serviços	Total
Bahia	215.968	405.813	621.781	437.762	736.669	1.174.431	4,8	4,1	4,3
Pernambuco	141.620	283.690	425.310	296.506	566.673	863.179	5,0	4,7	4,8
Ceará	106.701	231.888	338.589	259.124	484.052	743.176	6,1	5,0	5,4
Rio Grande do Norte	49.318	85.010	134.328	114.049	188.893	302.942	5,7	5,5	5,6
Maranhão	51.045	82.192	133.237	146.239	187.563	333.802	7,3	5,7	6,3
Paraíba	42.837	76.031	118.868	103.246	172.936	276.182	6,0	5,6	5,8
Piauí	35.930	48.340	84.270	89.235	140.475	229.710	6,3	7,4	6,9
Alagoas	37.288	59.223	96.511	85.504	138.726	224.230	5,7	5,8	5,8
Sergipe	31.431	59.652	91.083	66.061	132.640	198.701	5,1	5,5	5,3
Nordeste	712.138	1.331.839	2.043.977	1.597.726	2.748.627	4.346.353	5,5	4,9	5,2

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

Bahia (27,0%) e Pernambuco (19,9%) concentraram quase a metade do estoque de emprego no setor de Comércio e Serviços na Região, em 2017. No entanto, entre 2002 e 2017, Bahia e Pernambuco perderam participação de -3,4 p.p. e -0,9 p.p., respectivamente (vide Tabela 13).

Tabela 13 – Nordeste e Estados: Participação do estoque de emprego (%) no comércio e serviços – 2002 e 2017

Nordeste e Estados	2002			2017			Variação em ponto percentual 2002-2017		
	Comércio	Serviços	Total	Comércio	Serviços	Total	Comércio	Serviços	Total
Bahia	30,3	30,5	30,4	27,4	26,8	27,0	-2,9	-3,7	-3,4
Pernambuco	19,9	21,3	20,8	18,6	20,6	19,9	-1,3	-0,7	-0,9
Ceará	15,0	17,4	16,6	16,2	17,6	17,1	1,2	0,2	0,5
Rio Grande do Norte	6,9	6,4	6,6	7,1	6,9	7,0	0,2	0,5	0,4
Maranhão	7,2	6,2	6,5	9,2	6,8	7,7	2,0	0,7	1,2
Paraíba	6,0	5,7	5,8	6,5	6,3	6,4	0,4	0,6	0,5
Piauí	5,0	3,6	4,1	5,6	5,1	5,3	0,5	1,5	1,2
Alagoas	5,2	4,4	4,7	5,4	5,0	5,2	0,1	0,6	0,4
Sergipe	4,4	4,5	4,5	4,1	4,8	4,6	-0,3	0,3	0,1
Nordeste	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	0,0	0,0	0,0

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

4.2 Indústria

A dinâmica do mercado de trabalho na Região Nordeste vem sendo caracterizada pela diferenciação e hierarquização de espaços e atividades, em um processo de há muito em construção, em que a expansão industrial e suas ondas de investimento desempenharam um papel crucial no contexto recente da economia regional.

O crescimento do valor gerado pela indústria regional³ implicou rebatimentos sobre a estrutura produtiva local, proporcionando diferentes configurações no estoque de emprego na Indústria Geral.

Na Região, o dinamismo do mercado de trabalho foi definido pelo favorável desempenho, principalmente, da Construção Civil e da Indústria de Transformação, que cresceram em média 3,7% a.a. e 2,6% a.a., respectivamente, no período de 2002 a 2017. Nesta mesma base de análise, as Indústrias Extrativas e de Serviços Industriais de Utilidade Pública - S. I. U. P. também assinalaram positivamente (Tabela 14).

Outra definição da importância da Indústria de Transformação e da Construção Civil foi em relação aos seus respectivos pesos dentro da Região. As duas atividades foram responsáveis por 66,5% e 25,2% do estoque de emprego na Indústria Geral da Região Nordeste, em 2017.

Tanto a Indústria de Transformação quanto a Construção Civil tiveram marcos históricos de incentivos direcionados para dinamização de ambos os setores na Região Nordeste. Segundo Araújo (2014), com o crescimento da renda das famílias, o consumo se dinamizou, e, em uma segunda etapa influenciou os investimentos na Região Nordeste.

Do lado do consumo, houve expansão, principalmente, das Indústrias de Alimentos e bebidas e de bens duráveis, considerando-se que unidades produtivas se instalaram na Região, inclusive nos centros urbanos das cidades médias. Quanto aos investimentos, um conjunto de projetos de infraestrutura econômica e social foram implantados no País pelo Governo Federal através do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Parte desse bloco de investimentos foi direcionado para a Região Nordeste, e paralelamente, acompanhando a euforia, também se aventaram investimentos do setor privado. Como exemplo, tem-se o Programa Minha Casa Minha Vida (2009), que contribuiu para impulsionar a Construção Civil, sendo um dos setores da economia mais beneficiado por referidas iniciativas na Região.

Tabela 14 – Nordeste: Estoque de emprego, participação e taxa de crescimento (%), por setor da indústria geral – Períodos selecionados

Indústria Geral e Subsetores	Estoque de empregos				Taxa de crescimento ao ano (% a.a.)			Taxa Acumulada 2002-2017	Var. p.p. 2002-2017
	2002		2017		2002 - 2014	2015 - 2017	2002-2017		
	Vínculos	Part. (%)	Vínculos	Part. (%)					
Ind. de Transformação	646.507	68,6	953.133	66,5	5,2	-3,7	2,6	47,4	-2,2
Construção Civil	208.486	22,1	361.744	25,2	9,4	-15,0	3,7	73,5	3,1
S.I.U.P.	63.366	6,7	85.036	5,9	2,7	-2,2	2,0	34,2	-0,8
Extrativa Mineral	23.919	2,5	34.391	2,4	5,0	-8,4	2,5	43,8	-0,1
Ind. Geral Nordeste	942.278	100,0	1.434.304	100,0	6,1	-7,0	2,8	52,2	
Ind. Geral Nordeste (%)	19,4%		16,8%						-2,6
Nordeste	4.859.397		8.543.651		5,5	-2,0	3,8	75,8	

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

4.2.1 Análise conforme o porte da empresa

Entre 2002 e 2017, a Região Nordeste foi favorecida por crescimento mais intenso do quantitativo de estabelecimentos industriais considerados Microempresa (até 19 empregados). Já o crescimento de vínculos empregatícios foi mais forte na categoria microempresas e empresas de grande porte. Os setores da indústria de transformação e construção civil foram os que mais geraram número de empresas quanto na formação de novos empregos. Estas constatações serão esplanadas nos parágrafos a seguir, conforme as informações da pesquisa e das Tabelas 15, 16 e 17.

³ Entre 2002 a 2016, o crescimento do Valor Adicionado Bruto da Indústria no Nordeste (+2,1%) foi acima da média Nacional (+1,5%), IBGE (2019).

a) Microempresas - ME

Neste período, com crescimento de 4,1% a.a. e variação acumulada de 83,1%, as indústrias que empregam até 19 empregados, consideradas Microempresas – ME, ampliaram seu quadro em 33.556 novos estabelecimentos, com foco no subsetor da indústria de transformação (19.590 novos estabelecimentos) e construção civil (13.008 estabelecimentos), Tabelas 15 e 16.

Considerando a mesma base de análise, com crescimento de 3,5% a.a. e variação acumulada de 68,4%, a Região gerou 117.564 novos empregos formais com especialização na indústria de transformação (73.029 novos empregos) e na construção civil (40.471 novos empregos), Tabelas 15 e 16.

O emprego nas microempresas industriais também cresceram em todos os Estados da Região, com os maiores incrementos acumulados tendo ocorrido em Alagoas (+96,0%) e Piauí (+93,5). Já em 2017, o nível de estoque de emprego das microempresas na Região foi de 289.428 postos, com destaque para a Bahia (23,8%), Ceará (20,0%) e Pernambuco (19,4%), conforme a Tabela 17.

b) Empresa de Pequeno Porte - EPP

Verificou-se ainda novas aglomerações industriais de pequeno porte no Nordeste. Entre 2002 a 2017, com crescimento de 2,8% a.a. e variação acumulada de 50,6%, ao todo, foram criadas 2.815 indústrias de pequeno porte na Região, sendo 1.787 estabelecimentos na indústria de transformação e 809 na construção civil (Tabelas 15 e 16).

Diante da expansão de 2,7% a.a. e acumulado de 48,5%, o emprego nas indústrias de pequeno porte ampliou em 110.493 novas vagas. Grande parte da formação dos novos postos foi na indústria de transformação (+68.938 empregos) e construção civil (+31.235 empregos), no período de 2002 a 2017.

Ocorreu crescimento do emprego nas indústrias de pequeno porte em todos os Estados da Região. Destaque para crescimentos acumulados no Piauí (+66,4%) e Ceará (+63,2%), de 2002 a 2017. O estoque de emprego nas empresas de pequeno porte alcançou 338.536 postos em 2017, com maior participação da Bahia (23,5%), Ceará (22,2%) e Pernambuco (19,3%), Tabela 17.

c) Empresa de Médio Porte

Para as empresas de médio porte, que cresceram 2,0% a.a. e acumuladamente 34,8%, a Região aumentou em 406 novos estabelecimentos industriais no intervalo de 2002 a 2017, sendo 215 na indústria de transformação e 146 na construção civil (Tabelas 15 e 16).

Quanto ao emprego nas empresas industriais de médio porte, que cresceram 2,2% a.a. e acumuladamente 38,7%, verificou-se a geração de 91.875 empregos formais, sendo 49.563 da indústria de transformação e 34.287 na construção civil no período em análise.

Entre os estados, com exceção de Sergipe (-10,9%), três apresentaram crescimento acumulado acima da média regional (+37,7%): Maranhão (+109,2%), Alagoas (+95,4%) e Bahia (+53,4%), de 2002 a 2017. O nível de emprego nas indústrias de médio porte foi de 338.536 vínculos empregatícios em 2017, com maior participação nos estados da Bahia (23,5%), Ceará (22,2%) e Pernambuco (19,3%), Tabela 17.

d) Grandes Empresas

Em relação às empresas de grande porte, com sedimentação de importantes polos de desenvolvimento agroindustrial, além do complexo mineiro-metalúrgico, com crescimento de 3,6% e variação acumulada de 70,1%, a Região ampliou em 148 empreendimentos, destaque para 85 novas empresas no setor da indústria de transformação e 51 na construção civil entre 2002 a 2017.

Os empreendimentos de grande porte apresentaram crescimento do emprego de 3,0% a.a. e variação acumulada de 56,5%, gerando 172.094 novos empregos formais, voltados majoritariamente para os setores da indústria de transformação (115.096 postos) e construção civil (47.165), de 2002 a 2017.

O crescimento acumulado do emprego nessas empresas de grande porte foi mais intenso em Sergipe (+218,8%), Bahia (+167,1%) e Maranhão (+122,8%), nesses quinze anos de análise. No entanto, registrou decréscimo em Alagoas (-17,3%) e Piauí (-0,6%). Com o processo de ajustamento da estrutura industrial em Estados da Região, e tendo em vista o impulso em alguns subsetores da indústria, considerados promissores, em 2017, verificou-se que o quadro de emprego atingiu 338.536 postos, com a partilha maior para Bahia (23,5%), estado detentor do Polo Petroquímico de Camaçari; Ceará (22,2%) com destaque para a Companhia Siderúrgica do Pecém; e Pernambuco (19,3%), com forte presença da construção civil e da indústria de derivados do petróleo.

Tabela 15 – Nordeste: Número de estabelecimento, estoque de emprego e participação (%) na Indústria, segundo o porte da empresa – 2002 e 2017

	Estabelecimento ⁽¹⁾ / Estoque de emprego Total	2002		2017		Var. (%) 2002 - 2017	
		Part. (%)	Total	Part. (%)	Acumulada	Cresc. a.a.	
Nº de estabelecimento	Até 19 empregados ⁽²⁾	40.359	85,3	73.915	87,8	83,1	4,1
	De 20 a 99 empregados ⁽³⁾	5.560	11,8	8.375	9,9	50,6	2,8
	De 100 a 499 empregados ⁽⁴⁾	1.166	2,5	1.572	1,9	34,8	2,0
	500 ou mais empregados ⁽⁵⁾	211	0,4	359	0,4	70,1	3,6
	Nordeste	47.296	100,0	84.221	100,0	78,1	3,9
Nº de vínculo	Até 19 empregados ⁽²⁾	171.864	18,2	289.428	20,2	68,4	3,5
	De 20 a 99 empregados ⁽³⁾	228.043	24,2	338.536	23,6	48,5	2,7
	De 100 a 499 empregados ⁽⁴⁾	237.678	25,2	329.553	23,0	38,7	2,2
	500 ou mais empregados ⁽⁵⁾	304.693	32,3	476.787	33,2	56,5	3,0
	Nordeste	942.278	100,0	1.434.304	100,0	52,2	2,8

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018). Nota: (1) Porte de estabelecimento segundo o número de empregados (SEBRAE, 2013); (2) Microempresa; (3) Empresa de pequeno porte; (4) Empresa de médio porte; (5) Grande empresa.

Tabela 16 – Nordeste: Número de estabelecimento e estoque de emprego nos subsetores industriais, segundo o porte da empresa – 2017

	Estabelecimento ⁽¹⁾ / Estoque de emprego	Indústria de Transformação	Construção Civil	S.I.U.P.	Indústria Extrativa	Total	Part. (%)
Nº de estabelecimento	Até 19 empregados ⁽²⁾	43.995	27.362	1.409	1.149	73.915	87,8
	De 20 a 99 empregados ⁽³⁾	5.165	2.623	321	266	8.375	9,9
	De 100 a 499 empregados ⁽⁴⁾	924	515	93	40	1.572	1,9
	500 ou mais empregados ⁽⁵⁾	238	71	39	11	359	0,4
	Nordeste	50.322	30.571	1.862	1.466	84.221	100,0
	Part. (%)	59,7	36,3	2,2	1,7	100,0	-
Nº de vínculo	Até 19 empregados ⁽²⁾	188.592	88.462	6.694	5.680	289.428	20,2
	De 20 a 99 empregados ⁽³⁾	205.361	107.426	15.004	10.745	338.536	23,6
	De 100 a 499 empregados ⁽⁴⁾	198.966	103.359	18.373	8.855	329.553	23,0
	500 ou mais empregados ⁽⁵⁾	360.214	62.497	44.965	9.111	476.787	33,2
	Nordeste	953.133	361.744	85.036	34.391	1.434.304	100,0
	Part. (%)	66,5	25,2	5,9	2,4	100,0	-

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018). Nota: (1) Porte de estabelecimento segundo o número de empregados (SEBRAE, 2013); (2) Microempresa; (3) Empresa de pequeno porte; (4) Empresa de médio porte; (5) Grande empresa.

Tabela 17 – Nordeste: Número de vínculos empregatício na Indústria Geral, segundo o porte ⁽¹⁾ – 2017

Estado/Região	Até 19 empregados (1)	De 20 a 99 empregados (3)	De 100 a 499 empregados (3)	500 ou mais empregados (5)	Nordeste	Part. (%)	Var. (%) 2002 - 2017	
							Acumulada	a.a.
Bahia	68.794	79.431	94.726	110.314	353.265	24,6	76,4	3,9
Ceará	57.742	75.121	59.919	101.261	294.043	20,5	52,8	2,9
Pernambuco	56.162	65.277	61.829	108.089	291.357	20,3	50,5	2,8
Paraíba	23.930	23.264	22.376	35.851	105.421	7,3	46,3	2,6
Alagoas	12.808	15.720	16.403	52.871	97.802	6,8	9,5	0,6
Rio Grande do Norte	23.196	26.565	21.240	23.092	94.093	6,6	29,6	1,7
Maranhão	17.261	21.785	24.900	15.868	79.814	5,6	86,6	4,2
Sergipe	12.504	15.527	15.846	22.395	66.272	4,6	51,8	2,8
Piauí	17.031	15.846	12.314	7.046	52.237	3,6	47,1	2,6
Nordeste	289.428	338.536	329.553	476.787	1.434.304	100,0	52,2	2,8
Part. (%)	20,2	23,6	23,0	33,2	100,0	-	-	-

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018). Nota: (1) Porte de estabelecimento segundo o número de empregados (SEBRAE, 2013); (2) Microempresa; (3) Empresa de pequeno porte; (4) Empresa de médio porte; (5) Grande empresa.

4.2.2 Emprego em subsetores de alta e média alta intensidades tecnológicas

Outra resultante desse padrão de crescimento, da mudança da base produtiva, foi a expansão do emprego industrial em setores de alta e média alta intensidades tecnológicas, conforme a classificação proposta pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE.

Embora com participação não tão representativa, a Indústria de Material de Transporte (+9,2% a.a.), Indústria Mecânica (+2,6% a.a.), Indústria Química (+4,5% a.a.) e Indústria de Elétrico e Comunicação (+3,8% a.a.) foram as atividades que apresentaram maior crescimento, entre 2002 e 2017 (Tabela 18).

Tradicionalmente, o emprego industrial no Nordeste é concentrado em setores de baixa e média intensidades tecnológicas. No entanto, é possível detectar que estes setores perderam participação no emprego total da indústria de transformação. Mesmo sendo os segmentos que mais empregam no Nordeste, com a Indústria de alimentos e bebidas (31,1%) e a Indústria têxtil (17,0%) concentrando mais da metade do emprego da indústria de transformação na Região em 2017, verificou-se que os dois segmentos perderam 4,2 e 3,9 pontos percentuais, respectivamente, no período de 2002 a 2017.

Tabela 18 – Nordeste: Indústria de Transformação - Estoque de emprego, taxa de crescimento (%) e participação (%) segundo o subsetor da atividade econômica – 2002 a 2017

Setor	Subsetor	2002		2017		Taxa (%) 2002-2017		Classificação setorial por intensidade tecnológica ⁽¹⁾
		Vínculos	Part. (%)	Vínculos	Part. (%)	Ao ano	Acumulada	
Indústria de Transformação	Alimentos e bebidas	245.049	37,9	321.335	33,7	1,8	31,1	Baixa
	Indústria têxtil	122.744	19,0	143.561	15,1	1,0	17,0	Baixa
	Indústria calçados	59.522	9,2	100.629	10,6	3,6	69,1	Baixa
	Indústria química	48.679	7,5	94.622	9,9	4,5	94,4	Média alta
	Mineral não metálico	46.189	7,1	70.053	7,3	2,8	51,7	Média baixa
	Indústria metalúrgica	30.425	4,7	50.135	5,3	3,4	64,8	Média baixa
	Papel e gráfica	26.741	4,1	37.932	4,0	2,4	41,8	Média alta e Média baixa
	Material de transporte	8.678	1,3	32.583	3,4	9,2	275,5	Alta e Média alta
	Madeira e mobiliário	22.008	3,4	31.024	3,3	2,3	41,0	Baixa
	Borracha, fumo, couros	18.439	2,9	29.220	3,1	3,1	58,5	Média alta e Média baixa
	Indústria mecânica	9.670	1,5	27.486	2,9	7,2	184,2	Alta
Elétrico e comunicação	8.363	1,3	14.553	1,5	3,8	74,0	Alta	
Indústria de Transformação NE		646.507	100,0	953.133	100,0	2,6	47,4	
Indústria Geral NE		4.859.397	-	8.543.651	-	3,8	75,8	

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018). Nota: (1) Classificação segundo a CNAE 2.0 a dois e a três dígitos.

4.2.3 Concentração no estoque de emprego da Indústria Geral em nível estadual

O emprego industrial teria crescido em todos os estados da Região Nordeste, no período de 2002 a 2017; ainda assim, persiste a concentração nesta variável. Neste período, com crescimento respectivo de 3,9%, 2,9% e 2,8% ao ano, Bahia, Ceará e Pernambuco participaram, em conjunto, com 65,4% do emprego industrial da Região Nordeste, em 2017. Embora com participação não tão expressiva, o Maranhão apresentou o maior crescimento entre os estados do Nordeste, com variação de 4,2% a.a., no período em análise.

Mesmo com concentração do emprego industrial na Região, há um processo de ajustamento recente na estrutura de participação do emprego da indústria entre as Unidades Federativas do Nordeste.

Entre os anos de 2002 e 2017, observa-se que apenas Bahia, Maranhão e Ceará ganharam participação, com variação de 3,4 p.p., 1,0 p.p. e 0,1 p.p., respectivamente.

Esse processo de “ajustamento” avançou com a consolidação de importantes polos de desenvolvimento agroindustriais na Região: na Bahia, com a sedimentação do Polo Petroquímico de Camaçari, que abriga diversas indústrias químicas, petroquímicas e automobilísticas, além do polo da agroindústria em Juazeiro(BA)-Petrolina(PE).

No Maranhão, com o complexo mineiro-metalúrgico e o Porto de Itaqui, um dos principais portos de exportação da Região. Já no Ceará, destaca-se a Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP), localizado no Município de São Gonçalo do Amarante.

Tabela 19 – Nordeste e Estados – Estoque de emprego para a Indústria Geral – 2002 e 2017

Nordeste e Estados	2002		2017		Variação 2002 a 2017		
	Vínculo	Part. (%)	Vínculo	Part. (%)	Acumulada (%)	a. a. (%)	p. p.
Bahia	200.223	21,2	353.265	24,6	76,4	3,9	3,4
Ceará	192.455	20,4	294.043	20,5	52,8	2,9	0,1
Pernambuco	193.628	20,5	291.357	20,3	50,5	2,8	-0,2
Paraíba	72.059	7,6	105.421	7,3	46,3	2,6	-0,3
Alagoas	89.340	9,5	97.802	6,8	9,5	0,6	-2,7
Rio Grande do Norte	72.621	7,7	94.093	6,6	29,6	1,7	-1,1
Maranhão	42.771	4,5	79.814	5,6	86,6	4,2	1,0
Sergipe	43.670	4,6	66.272	4,6	51,8	2,8	0,0
Piauí	35.511	3,8	52.237	3,6	47,1	2,6	-0,1
Nordeste	942.278	100,0	1.434.304	100,0	52,2	2,8	-

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

4.3 Agropecuária

Entre 2002 e 2017, o estoque de emprego formal do setor agropecuário obteve taxa de crescimento de 1,5% a.a., passando de 195.554 registros em carteira assinada, em 2002, para 246.024 empregos em 2017.

Entre 2002 e 2017, o nível de emprego do setor agropecuário sofreu oscilações devido a fatores mercadológicos internos e externos, além das adversidades climáticas. Neste período, foi registrada redução do nível de emprego nos anos de 2007, 2009, 2012 e, por último, em 2015 e 2016.

Em 2009, em função da crise econômica internacional que afetou significativamente a produção agropecuária voltada para exportação, a exemplo da produção de frutas irrigadas do Vale do São Francisco e do Vale do Açu, ocorreu a extinção de 5.427 empregos, sendo a maior perda de postos de trabalho observada desde 2002. Já no ano de 2012, com início da queda dos preços das principais *commodities*, o setor agrícola registrou o ápice da perda de postos de trabalho com carteira em todo o período analisado, ou seja, redução de 8.909 postos de trabalho na Região. E, mais recentemente com a crise econômica em 2015 e 2016, a Região perdeu 1.171 e 2.362 postos de emprego, respectivamente.

Vale ressaltar que nos anos de 2002 a 2017, houve um período de seca de cinco anos consecutivos, que gerou impactos negativos na Região, principalmente, no Semiárido do Nordeste. De certa forma, neste período, o setor produtivo foi severamente atingido, conforme dados da Pesquisa da Pecuária Municipal e Pesquisa Agrícola Municipal, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

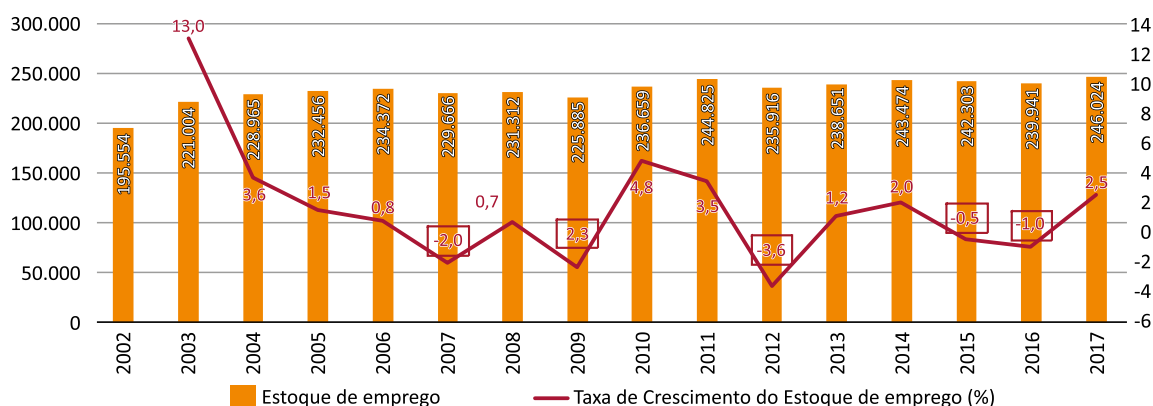
Diante da evolução dos números, é possível constatar que o setor agropecuário foi um dos setores mais sensíveis às crises internas e externas na economia regional, ratificando a forte sazonalidade do mercado de trabalho nesse segmento.

Em nível estadual, o setor agropecuário apresentou dinamismo diferenciado no mercado de trabalho formal na Região Nordeste. De 2002 a 2017, observou-se crescimento dos postos de trabalho em sete das nove Unidades Federativas, tendo Maranhão (+7,5%) e Piauí (+5,6%) as maiores variações ao ano. Em seguida, têm-se as variações dos estoques de emprego formal para Ceará (+2,5%), Sergipe (+2,5%), Bahia (+2,0%), Pernambuco (+0,7%) e Paraíba (+0,6%). No entanto, Alagoas (-3,0% a.a.) e Rio Grande do Norte (-0,2% a.a.) apresentaram variações negativas no período.

Em razão da dinâmica das atividades agropecuárias, no período de 2002 a 2017, o Maranhão (+4,5 p.p.), Bahia (+2,4 p.p.) e Piauí (+1,5 p.p.) ampliaram suas participações no estoque de emprego formal no setor, conforme dados da Tabela 20. Esse crescimento foi decorrente, principalmente, da ampliação da

fronteira de produção de grãos nos cerrados, que passou a demandar maior contingente de mão de obra nas regiões produtoras.

Gráfico 5 – Nordeste: Estoque e taxa de crescimento do emprego no setor Agropecuário – 2002 a 2017



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

No mesmo período, observa-se um movimento de retração da participação do estoque de emprego no setor agropecuário em Alagoas (-4,3 p.p.), Pernambuco (-2,9 p.p.), Rio Grande do Norte (-2,1 p.p.) e Paraíba (-0,8 p.p.). Parte desse movimento pode ser explicado pelas transformações no processo de mecanização de algumas lavouras, mas, o fator preponderante, foi a progressiva perda de participação das atividades ligadas ao setor sucroalcooleiro na demanda por mão de obra, principal atividade agropecuária desses Estados na Região.

Tabela 20 – Nordeste e Estados – Estoque de emprego para a Agropecuária – 2002 e 2017

Nordeste e Estados	2002		2017		Variação 2002 a 2017		
	Vínculo	Part. (%)	Vínculo	Part. (%)	Acumulada (%)	a. a. (%)	p. p.
Bahia	67.210	34,4	90.371	36,7	34,5	2,0	2,4
Pernambuco	46.873	24,0	51.838	21,1	10,6	0,7	-2,9
Ceará	16.148	8,3	23.330	9,5	44,5	2,5	1,2
Maranhão	6.487	3,3	19.256	7,8	196,8	7,5	4,5
Rio Grande do Norte	18.355	9,4	17.884	7,3	-2,6	-0,2	-2,1
Paraíba	12.458	6,4	13.614	5,5	9,3	0,6	-0,8
Sergipe	7.448	3,8	10.814	4,4	45,2	2,5	0,6
Alagoas	16.960	8,7	10.679	4,3	-37,0	-3,0	-4,3
Piauí	3.615	1,8	8.238	3,3	127,9	5,6	1,5
Nordeste	195.554	100,0	246.024	100,0	25,8	1,5	-

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

Registre-se que, quando se avalia a composição do estoque de emprego formal do setor agropecuário por porte do estabelecimento na Região, a participação das micro e pequenas empresas no total de vínculos formais foi de 61% em 2017, enquanto, em 2002, essa participação foi de 54%, ou seja, crescimento de 7,0 pontos percentuais no período.

Destaque-se, contudo, que, para os estabelecimentos que contratavam acima de 500, empresas consideradas de grande porte, observou-se redução na capacidade de acumular mão de obra entre os períodos analisados (2002/2017). Nestes, reduziu-se de 20,8% a participação percentual de ocupados para 15,1%, de 2002 para 2017, respectivamente. Esse resultado, portanto, pode não estar relacionado com mudanças de estruturas fundiárias na Região, mas, provavelmente, com a capacidade de mecanização existente nos estabelecimentos de maior porte (Tabela 21).

Tabela 21 – Nordeste: Número de estabelecimento, Estoque de emprego e participação (%) na Agropecuária, segundo o porte da empresa – 2002 e 2017

	Estabelecimento ⁽¹⁾ / Estoque de emprego	2002		2017		Var. (%) 2002 - 2017	
		Total	Part. (%)	Total	Part. (%)	Acumulada	Cresc. a.a.
Nº de estabelecimentos	Até 19 empregados ⁽²⁾	20.703	93,7	29.887	94,0	44,4	2,5
	De 20 a 99 empregados ⁽³⁾	1.108	5,0	1.552	4,9	40,1	2,3
	De 100 a 499 empregados ⁽⁴⁾	253	1,1	305	1,0	20,6	1,3
	500 ou mais empregados ⁽⁵⁾	33	0,1	38	0,1	15,2	0,9
	Nordeste	22.097	100,0	31.782	100,0	43,8	2,5
Nº de vínculos	Até 19 empregados ⁽²⁾	59.945	30,7	87.578	35,6	46,1	2,6
	De 20 a 99 empregados ⁽³⁾	45.640	23,3	62.429	25,4	36,8	2,1
	De 100 a 499 empregados ⁽⁴⁾	49.311	25,2	58.980	24,0	19,6	1,2
	500 ou mais empregados ⁽⁵⁾	40.658	20,8	37.037	15,1	-8,9	-0,6
	Nordeste	195.554	100,0	246.024	100,0	25,8	1,5

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018). Nota: (1) Porte de estabelecimento segundo o número de empregados (SEBRAE, 2013); (2) Microempresa; (3) Empresa de pequeno porte; (4) Empresa de médio porte; (5) Grande empresa.

5 Considerações Finais

A Região Nordeste experimentou avanços no mercado de trabalho, fruto dos impactos positivos das políticas implantadas a partir de 2002. O crescimento do estoque de emprego do Nordeste foi maior que a média do País, no período compreendido entre 2002 e 2017, e, conseqüentemente, ganhou participação frente às demais regiões.

Em relação ao desempenho estadual, mesmo Bahia, Pernambuco e Ceará apresentando o maior contingente de emprego formal durante toda a série, verificou-se tendência de desconcentração espacial do emprego, quando o crescimento da participação do Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte e Ceará foi relativamente maior que o restante dos estados da Região, no período analisado. Registre-se que todas as Unidades Federativas apresentaram crescimento do estoque de emprego formal.

Embora com avanço no total do estoque da mão de obra, o Nordeste ainda possui uma estrutura produtiva pouco diversificada. Apresenta concentração do emprego formal em alguns setores da atividade econômica, considerados urbanos, que absorve 80% do emprego formal na Região (Serviços, Administração Pública e Comércio).

Na análise dos últimos 15 anos, verificaram-se mudanças na estrutura produtiva, ao passo que gerou um ajustamento no mercado de trabalho formal da Região. Entre as mudanças, destaca-se o avanço de postos de trabalho no setor de serviços considerados “modernos”, com ênfase na geração de emprego da área da educação e saúde.

Na indústria, embora com concentração do emprego no setor tradicional, outra resultante dessas mudanças na base produtiva foi a expansão do emprego industrial em setores de alta e média alta intensidades tecnológicas no período em análise. Na agropecuária, verificou-se uma tendência de formação de postos de trabalho em áreas produtoras de grãos, decorrente da ampliação da fronteira agrícola na Bahia, Piauí e Maranhão.

Apesar dos avanços obtidos, alguns entraves no mercado de trabalho deverão ser superados em médio e longo prazos. Em linhas gerais, a desconcentração espacial do emprego seria uma barreira a ser enfrentada em médio prazo, que de fato, proporcionaria uma redução das diferenças na geração de emprego e renda na Região. Ademais, hiatos igualmente desafiadores permanecem numa base produtiva pouco diversificada, enfrentado este problema, uma das principais conseqüências, seria uma heterogeneidade maior da demanda por mão de obra com maior grau de especialização, e, paralelamente, a inserção de agregação de valor nas cadeias produtivas, que também, promoveria a demanda por mão de obra mais qualificada.

6 Referências

- ARAÚJO, T. B., Nordeste: Desenvolvimento recente e perspectivas. *In: GUIMARÃES, Paulo Ferraz et al. (org.). Um Olhar territorial para o desenvolvimento: Nordeste*. Rio de Janeiro: BNDES, 2014. cap. 19, p. 337-358.
- BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. **Nordeste 2022: Estudos Prospectivos Documento Síntese**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2014.
- BERNAL, M. C. C., A Nova Configuração Territorial do Nordeste: desigualdade e fragmentação. **Cadernos do Logepa**. João Pessoa, PB: UFPB, v. 4, n. 1, p.26-38, 2005.
- BEZERRA, Francisco Diniz. Indústria da Construção Civil. **Caderno Setorial ETENE**, Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, ano 3, n. 50, nov. 2018. Disponível em: https://www.bnb.gov.br/documents/80223/4141162/50_construcao.pdf/714a4956-1149-1bcc-5e79-1c1e61b945b5. Acesso em: 24 jun. 2019.
- BRASIL. **Relatórios Anuais de Informações Sociais**. Brasília: Secretaria de Trabalho, 2018. Disponível em: <http://pdet.mte.gov.br/rais>. Acesso em: 3 jun. 2019.
- GUIMARÃES, Paulo Ferraz *et al.* (org.). **Um Olhar territorial para o desenvolvimento: Nordeste**. Rio de Janeiro: BNDES, 2014. 576 p.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística de Educação Superior 2017. Brasília, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/basicas-censo-escolar-sinopse-sinopse>. Acesso em: 5 ago. 2019.
- SISTEMAS DE CONTAS REGIONAIS. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9054-contas-regionais-do-brasil.html?=&t=downloads>. Acesso em: 24 jul. 2019.
- MEIRELLES, D. S. Serviços e desenvolvimento econômico: características e condicionantes. **RDE: Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador: UNIFACS, ano X, n. 17, jan. 2008. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/1022/800>. Acesso em: 24 jun. 2019.
- MORAIS, A. C. S., CÂMARA, L. J. A. Dinâmica do emprego industrial: uma análise da especialização dos Estados do Nordeste – 1994 – 2010. **Revista de economia regional, urbana e do trabalho**, Rio Grande do Norte: UFRN, v. 4, n. 2, 2015.
- MORETTO, A. *et al.* (org.). **Economia, desenvolvimento regional e mercado de trabalho do Brasil** Fortaleza: Instituto de Desenvolvimento do Trabalho: Banco do Nordeste do Brasil: Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho, 2010. 364 p.
- SOUZA, T.C.; BENEVIDES, Z. A. C.; PIRES, M. M. ; Dinâmica, padrões espaciais e competitividade regional do emprego na economia criativa do Nordeste brasileiro: 2006-2013. *In: XI ENCONTRO DE ECONOMIA BAIANA – ECONOMIA REGIONAL* – Bahia, set. 2015 p. 363.
- TOMÉ, Luciana Mota. Shopping Centers. **Caderno Setorial ETENE**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, ano 4, n. 69, fev. 2019. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/documents/80223/4804489/692019Shopping+Center.pdf/b3bb866f-6563-36f7-79cc-0f2d94dbba9b>. Acesso em: 24 jun. 2019.
- VIANA, Fernando Luiz E., Indústria de Alimentos. **Caderno Setorial ETENE**, Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, ano 3, n. 27, mar. 2018. Disponível em: https://www.bnb.gov.br/documents/80223/3063080/27_alimentos_03-2018.pdf/e5d58b7a-205b-9d2b-edd4-ff075ba2212f. Acesso em: 24 jun. 2019.